



Nota de Abertura

4 anos de Vivências AFC: +Currículo | +Equidade | +Qualidade das Aprendizagens

O discurso sobre educação é muitas vezes preenchido com chavões. Um deles é a ideia de que a escola não evolui, não se transforma, que está congelada algures num tempo de que já não temos memória.

Basta olharmos para os enormes progressos que a escola democrática permitiu para percebermos que não é assim. Basta compararmos a escola de hoje com a escola que frequentámos em crianças. Basta visitar a biblioteca escolar de hoje com a dos anos 70. Basta conhecer o trabalho laboratorial de hoje e contrastá-lo com o ensino tradicional das ciências que alguns conhecemos. Os exemplos são inúmeros e explicam o quanto foi conquistado ao longo das últimas décadas e que faz com que hoje tenhamos uma população mais instruída, cientistas portugueses de renome espalhados pelo mundo, inovação nas empresas, mais leitores, mais escritores, mais artistas, famílias em que a geração mais jovem é a primeira que se licenciou.

Nada teria sido feito se a escola não se transformasse, umas vezes de forma mais abrupta, outras de forma mais gradual.

Até há poucos anos, parecia que ninguém queria olhar para Portugal, e em particular para as escolas públicas, quando se queria conhecer formas diferenciadas de trabalhar nas escolas. Na verdade, as escolas portuguesas viam-se impedidas, nesses tempos, de construir currículo e formas de organização porque a sua autonomia era muito reduzida, inexistente ou condicionada.

Desde 2016, o Ministério da Educação lançou às escolas o desafio da criação e construção curricular. Este foi um processo que se iniciou com o Programa Nacional de Promoção do Sucesso Escolar, no âmbito do qual se fugiu a soluções generalistas e tipificadas, permitindo que as escolas construíssem medidas próprias para conseguir que mais alunos aprendessem. Em menos de um ano, as escolas portuguesas desenvolveram quase 4000 atividades diferentes, adequando-as aos contextos e necessidades específicas da sua realidade. Paralelamente, seis escolas integraram o Projeto Piloto de Inovação Pedagógica. A estas seis escolas foi concedida autonomia total na forma de organizar e desenvolver o currículo, experimentando o quanto se poderia fazer para conseguir que, nestas escolas, não houvesse retenção. O sucesso das experiências de autonomia reforçada levou a que se consagrasse, para todas as escolas, a possibilidade de desenvolver as aprendizagens de forma mais flexível.

A legislação em vigor convida as escolas a inovar no seu currículo. A inovação não é um objetivo. É uma ferramenta para que se possam atingir fins ambiciosos. O currículo nacional, estruturado a partir do *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, implica o desenvolvimento de competências de nível elevado, que não se encontram fechadas na gaveta de cada disciplina, mas beneficiam da interdisciplinaridade, que não se desenvolvem em metodologias únicas, mas precisam da diversificação de metodologias, de recursos pedagógicos e de instrumentos de avaliação. A inovação potencia a integração curricular.

A inovação é uma ferramenta para chegar àqueles a quem, com metodologias mais tradicionais, não conseguimos chegar. A inclusão não se consegue repetindo as mesmas fórmulas que falharam com os mesmos. Mais do que reter alunos que se afastam dos seus grupos, importa saber como recuperar as aprendizagens perdidas e trabalhar ritmos e motivações diferentes.

Aprendemos com as escolas que ousaram experimentar, sem impor a mudança. Autonomia significa liberdade para fazer ou não fazer, no reconhecimento de que cada escola pode precisar ou prescindir de ferramentas de trabalho específicas. Assistimos a resultados escolares a melhorar e à voz de alunos que se reviram nas novas formas de organização. E ouvimos também o pedido de escolas que pediram para ir mais longe.

Os Planos de Inovação são a resposta a mais de 100 escolas que entenderam ir ainda mais longe na sua autonomia, reconfigurando a estrutura dos cursos, as salas de aula, a organização das turmas, o calendário letivo, os tempos, as equipas de professores, os apoios.

Este livro traz ao conhecimento público o trabalho meritório e inspirador das escolas públicas portuguesas que se desafiaram e nos desafiaram, não temendo os espartilhos que por vezes cada um de nós impõe à criatividade.

Não porque a inovação fosse um fim. Mas sim porque o sucesso e a inclusão são missões ambiciosas abraçadas pelos que não se conformam com o determinismo de algumas soluções.

Alguns atingem o sucesso sem precisar de transformar. Muitos ficam de fora. Para estes temos o dever ético de experimentar a diferença, para que o seu futuro não seja igual ao de um contexto presente que não os favorece.

A todas estas escolas que se apresentam neste livro, aos seus professores e pessoal não docente, deixo um louvor e agradecimento pela inquietação constante e pelas aprendizagens que nos transmitem.

João Costa, Ministro da Educação

in Direção-Geral da Educação. (2022). 4 anos de Vivências AFC: +Currículo | +Equidade | +Qualidade das Aprendizagens. Direção-Geral da Educação

<https://afc.dge.mec.pt>